

Um pouco sobre a mentira na clínica

Sandra Nunes Caseiro^[1]

RESUMO: O artigo aborda o fenômeno da mentira na clínica psicanalítica apoiando-se nas elaborações de Bion e focando três vértices: como resultado de desconhecimento ou de necessidade momentânea de proteção, como resultado de ação para enganar o outro e como resultado de rivalidade com a realidade. Aponta que a verdade é o alimento fundamental para o crescimento mental e, para apreendê-la, é necessário que haja uma função alfa operante. Diante da falha da função alfa e sob o predomínio da parte psicótica da personalidade, é necessária uma outra mente implicada em emprestar sua função alfa para que o movimento mental se dirija em direção à verdade. Apresenta uma vinheta clínica como exemplo.

PALAVRAS-CHAVE: verdade, mentira, função alfa, clínica psicanalítica, continente-conteúdo

1. Psicóloga. Mestre em psicologia clínica. Membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

“Mentira” é um vocábulo que existe como a negativa do que denominamos “verdade”. Dentre muitos, vou seguir por três vértices do tema, procurando enveredar pela disciplina da psicanálise e pelas elaborações de Bion; vale dizer que não são vértices excludentes, podendo preponderar ora um, ora outro. Ademais, esses vértices não esgotam o que se pode pensar e desenvolver sobre a mentira na clínica (e na vida em geral).

Um primeiro vértice: o movimento do pensador (da dupla analista/ analisando, do campo psicanalítico) é em direção à verdade^[2]

Pensando sobre a mentira, de imediato me ocorreu o Dia da Mentira (1º de abril). A origem do Dia da Mentira não é exata, mas remete à mudança na França, determinada pelo rei Carlos IX em 1564, do calendário juliano para o gregoriano. Os dois calendários tinham diferenças importantes, sendo uma delas as datas comemorativas. Por exemplo, o Ano Novo no calendário juliano era comemorado no dia 25 de março, início da primavera no Hemisfério Norte, e as festas se estendiam até 1º de abril. Com o calendário gregoriano, o Ano Novo passou a ser comemorado em 1º de janeiro. Os desinformados ou resistentes à mudança continuaram a comemorar o Ano Novo em 1º de abril – uma comemoração “mentirosa” da passagem do ano.

Nesse breve relato, encontramos alguns elementos: o não conhecido, algo novo e resistência, bastante utilizados por Bion em suas elaborações.

Ao longo da história, pressionados por suas necessidades de organizar o tempo para caça, plantio, colheita etc., diferentes povos elaboraram diferentes calendários. A precisão desses “instrumentos” foi se refinando à medida que foram apreendidas as relações entre os vários elementos implicados na passagem dos dias: posição do sol, posição da lua, posição das estrelas etc.^[3]

O calendário é uma invenção da mente humana. Sua história traz dois elementos significativos para a presente discussão: a pressão de necessidades sofridas pelo indivíduo e a condição para refinar suas observações, resultando numa menor ou maior aproximação da realidade (ou da coisa-em-si ou, ainda, da verdade).

Penso que na clínica (e na vida), diariamente, tanto analista quanto analisando experienciam essa movimentação entre maior e menor proximidade com a verdade, que depende de observações mais ou menos apuradas e da condição emocional favorecedora ou não da metabolização das experiências vividas. Bion (1992/2000) afirma que a verdade é o alimento vital para o desenvolvimento da mente humana, e que o ato de se

2. O vocábulo “verdade” neste texto abarca os cinco conceitos fundamentais em filosofia (Abbagnano, 1971/1998): como correspondência; como revelação; como conformidade a uma regra; como coerência; e como utilidade. Porém, com maior força, concerne às elaborações de Bion: não a uma verdade absoluta, mas à experiência emocional do indivíduo em dado instante, à experiência emocional da dupla analista/analisando em um momento da sessão.

3. Um dos mais famosos exemplos dessa organização temporal humana é o monumento de Stonehenge, na Inglaterra, que demarca a posição do Sol ao nascer no solstício de inverno, uma construção datada de aproximadamente 5 mil anos, provavelmente um dos calendários mais antigos. Pode ser visto em <http://bit.ly/4npLkcA>

afastar dela pode ter diferentes origens e funções. Aponta a capacidade para amar como característica fundamental da personalidade para que o indivíduo e a dupla analítica alcancem expansão mental/emocional. Capacidade para amar ampara a intuição, a imaginação e a criatividade, como também a elaboração de lutos e a compaixão, todos elementos que favorecem um constante caminhar em direção à verdade.

No livro *Vivências de um psicanalista*, Zimerman (2008) relata um momento com seu filho Alexandre. Alexandre apresentava um quadro de hemofilia desde o nascimento. Praticando esporte, sofreu um acidente e necessitou de doses maciças de um soro que compensa a falha de coagulação dos hemofílicos. O soro estava contaminado pelo vírus HIV, sem que o hemocentro soubesse, numa época em que não havia medicações eficientes. Num diálogo, já em fase terminal, Alexandre disse ao pai que ele não sentia exatamente medo de morrer, mas sim pena de não continuar vivendo. Completou “quem sabe, pai, os espíritos têm razão e existe a reencarnação?”. Ao que Zimerman respondeu prontamente “quem sabe? Na minha idade eu já não descreio de nada. Tudo é possível” (p. 29).

Nesse relato está implícita a compaixão do pai (analista), que o leva a considerar e respeitar a condição alcançada pelo filho (analizando). Uma conjectura de que desfazer uma ilusão em dado instante não é um ato criativo. Muitas vezes, não o é.

No vocábulo “mentira” do *Dicionário Aurélio* (Ferreira, 2010), está incluso o significado de engano dos sentidos ou do espírito, ilusão, erro, fábula, ficção. Um engano ou ilusão pode evoluir aproximando-se mais e mais de uma verdade. Portanto, gera-se o espectro mentira↔verdade, e surge a impossibilidade de classificar de forma absoluta o que é cada uma. O movimento em direção à verdade depende de muitos fatores da personalidade do indivíduo. Esse trajeto tem sua origem na *rêverie* materna, que leva ao desenvolvimento da função alfa da personalidade do bebê, o desenvolvimento para movimentar-se em direção à verdade.

As mães cantam canções de ninar para seus bebês com voz doce. A melodia é tranquilizadora, e o ritmo facilita o embalo do bebê. Já as letras são cruéis e ameaçadoras. A mãe toma para si os terrores que o bebê está sentindo, comunicando-os em palavras (“boi, boi, boi / boi da cara preta / pega essa criança / que tem medo de careta”), porém infiltrando as palavras horríveis com algo doce, para que o bebê possa ouvir, sentir e metabolizar.

A operatividade da função alfa é variável e, sob excessiva pressão da realidade interna e/ou externa, pode falhar, mudando a direção do movimento para a mentira. Não existe uma medida para “pressão excessiva” – o excesso depende de quem sente e como sente (ou não sente). Ao longo do tempo, algo que é “excesso” pode ser transformado e metabolizado. Como uma mãe e seu bebê, o analista está implicado em emprestar sua função alfa para o analisando, ajudando-o a desenvolver seus próprios recursos.

Por outro lado, pode acontecer de o analista aceitar participar de um conluio com o analisando, por comodidade emocional, e validar mentiras, quer esteja consciente disso ou não. É responsabilidade do analista cuidar dessa possibilidade destrutiva.

Um segundo vértice: em alguns momentos, a personalidade do analisando é dominada por desejos e impulsos

Na descrição do verbo “mentir” no mesmo dicionário (Ferreira, 2010), um sujeito entra em ação: afirmar coisa que sabe ser contrária à verdade, não revelar, ocultar, esconder. Indica um ato premeditado de alguém. Em outros dicionários acrescentam-se os sentidos de ludibriar, enganar.

Tomando o conceito do aparelho continente↔conteúdo (Bion, 1963/2004, 1965/2004, 1970/2006), recorro ao mito do Minotauro para pensarmos situações nas quais a personalidade não encontrou continência para “ser o que é”, para si e para o outro, sendo dominada por impulsos e desejos, criando mentiras e gerando destrutividade.

Olhemos para os personagens do mito como “inquilinos” da personalidade de um indivíduo e como “figurantes” do entorno de sua vida.

Minos, não tolerando a possibilidade da frustração de não ser o próximo governante da ilha de Creta, encontra-se num vínculo de rivalidade com os irmãos. Recorre a um deus (um argumento onipotente inquestionável) para “legalizar” o seu incontido desejo: solicita a Poseidon o envio de um touro magnífico, todo branco, feito das espumas do mar, para mostrar aos irmãos como um sinal de que ele deveria ser o governante. O deus envia-lhe o touro, mas exige o sacrifício do animal em sua homenagem (não há onipotência sem a contraparte de altas e cruéis exigências). Tomado por voracidade e soberba, Minos mantém o touro para si e mentirosamente sacrifica outro animal. Como punição (vingança), Afrodite envolve Pasífae, esposa de Minos, na contenda, fazendo-a apaixonar-se perdidamente pelo touro. Pasífae, não resignada com o fato de que sua união com o touro era antiética, dá vazão aos seus desejos e solicita a Dédalo a construção de uma vaca de madeira oca, dentro da qual conseguiria enganar o animal para copular com ele. Dédalo, sem nenhum questionamento (não se utilizando de sua capacidade para pensar), isenta-se de qualquer responsabilidade e constrói o aparato (talvez até por vaidade). O fruto dessa sequência de falhas de continência é o monstro Minotauro. A interrupção dessa sequência necessitou do nascimento de uma dupla amorosa e ética: Teseu e Ariadne – e o fio (vínculo) que os unia.

Na clínica, ora e outra, nos deparamos com situações nas quais o analisando tem conhecimento de que está mentindo, mas o analista não. O analisando monta uma “peça” que acredita favorecê-lo de alguma forma:

Deve haver alguma coisa muito errada em um paciente que não conseguisse me fazer de bobó. É difícil tolerar a consideração pelo sentimento que você teria a respeito de uma pessoa que consegue te fazer de bobó. Não obstante, aquele que aspira ajudar os seus semelhantes sofredores, tem de ser suficientemente robusto para sobreviver ao fato de ser feito de bobó. (Bion, 1985/2017, p. 128)

Essa citação nos isenta da pressão para sermos excessivamente espertos,

que dirá adivinhos. Mas o analista precisa ser suficientemente sensível para intuir em algum momento que “há algo de podre no reino da Dinamarca”, intuir que algo acontece no campo psicanalítico.

Um terceiro vértice: universos ocultos criados pelo analisando que rivalizam com a realidade

Discorrendo sobre o conceito de alucinação, Bion (1970/2006) escreve:

Eu não considero [o estado de alucinação] como um exagero de uma patologia ou mesmo de uma condição natural. Considero-o como um estado que está sempre presente, mas superposto a outros fenômenos, que o encobrem . . . para avaliar a alucinação o analista precisa participar do estado de alucinação. (p. 49)

Penso que Bion se refere a outros universos que o analisando vive, superpostos aos que ele consegue apreender. Esses universos “se estendem” além da mente do analisando. O analisando é um habitante deles, e seus pares também. São universos onde onipotência e desamparo são absolutos, não havendo espaço para outras possibilidades entre os dois estados. O horror diante da apreensão de seu “desamparo absoluto” leva o analisando (a parte psicótica da personalidade) a ativa e onipotentemente construir esses mundos que rivalizam com a realidade e a verdade, gerando distorções, mentiras e destrutividade. Na clínica, quando a rivalidade surge de forma intensa, o analista pode apreendê-la com facilidade. Mas, muitas vezes, ela está presente de forma sutil e sofisticada. O analista precisa de tempo e paciência para “descobrir” quem ele está sendo nesses universos, colaborando com a dupla para a apreensão das regras e incoerências deles e, assim, abrindo caminhos para a realidade e a verdade.

Uma vinheta

Nancy, uma mulher adulta, bem-sucedida, trabalhava numa empresa que oferecia auditorias. Procurou análise preocupada com seus relacionamentos que “nunca dão certo”. Desejava casar e ter filhos, ser uma boa mãe, conviver com os filhos: “e, pela minha idade, estou quase perdendo a chance de engravidar”. Junto disso, não entendia por que não conseguia manter suas amizades – seus amigos se afastavam dela com o tempo. Não entendia por que isso acontecia, pois sempre era muito gentil e agradável, tinha uma boa cultura. “Sei levar um bom papo, ofereço minha casa para recebê-los...”

Conversamos por meses tanto sobre as questões que a levaram até mim como outras. Ela era de fato muito agradável e amável, mas vários detalhes em nossa convivência passaram a chamar minha atenção e, após certo tempo, me provocavam uma irritação significativa. Por exemplo, ela sempre “esquecia” de trancar a porta quando entrava na sala de espera. Isso acarretava que eu, ao chamá-la para o consultório, precisava ir até a porta de entrada para fazê-lo. Também sempre “esquecia” de pegar

o selo que eu fornecia para quitar o estacionamento, e eu, “rotineiramente”, gritava por seu nome, me dirigia até ela e entregava-lhe o selo. Para dar mais um exemplo, quase todo mês me solicitava verificar quantas sessões tínhamos tido. Também havia períodos específicos do ano em que ela faltava várias vezes, ocasiões em que eu permanecia esperando-a. Nas sessões seguintes às faltas, dizia algo como “queria ter te avisado, mas quando percebi já estava no final do nosso horário, até me assustei. Desculpe”.

São detalhes que acontecem, vez e outra, também com outros analisandos. Mas não é a ocorrência deles em si que importa, e sim o que eu sentia ao vivenciá-los com ela.

Encontrando espaço interno para as irritações, significados foram se agregando a esses detalhes. Passei a sinalizar os eventos conforme aconteciam entre nós, ou entre ela e seus pares. Por exemplo: “você precisa de mim quase todo mês para verificar suas sessões. Não é uma tarefa rotineira no seu trabalho?”. Ou: “apesar de suas faltas serem sazonais e prováveis, você sempre é pega de surpresa. Não é curioso?”. Podem parecer, ou até se aproximarem, de falas irônicas. Mas o sentimento preponderante em mim era de curiosidade: como *esse detalhe* convive com *esse outro detalhe*? Fomos descobrindo que eu era sua serva, e ela uma nobre dama à espera de um cavalheiro à sua altura. No avesso de sua simpatia, de sua gentileza e da injusta rejeição dos colegas, estava a arrogância, advinda da onipotência que negava um estado de profundo desamparo.

O alimento para a expansão mental é a verdade. Nos vértices apresentados, a mentira como resultado de não conhecimento ou com a função de proteger a mente em dado momento, havendo uma função alfa operante, pode se dissolver com as experiências emocionais ao longo do tempo. Já mentira como “enganar o outro” ou como “rivalidade com a realidade” é criada ativamente pela parte psicótica da personalidade, sob a qual o tempo em si não favorece uma mudança em direção à verdade – é necessário que haja uma outra mente implicada em emprestar sua função alfa.

Na mitologia grega, encontramos que um dia Prometeu decidiu esculpir a forma de Aleteia, o espírito da verdade, para inspirar as pessoas em suas vidas. Antes de finalizar seu intuito, precisou atender a um chamado de Zeus. Deixou Dolo, o espírito da falsidade, tomando conta de sua obra. Este resolveu fazer uma réplica perfeita de Aleteia, mas faltou-lhe argila para caprichar nos pés. Ao retornar, Prometeu ficou impressionado com a perfeição da obra de Dolo e colocou as duas no forno, seduzido pelo desejo de tomar para si as duas autorias. Depois de cozidas, Prometeu infundiu vida às duas. Aleteia seguiu sempre com passos em direção ao desvelamento da verdade. Sua irmã, gerada pelo desejo de se conseguir uma réplica perfeita, tropeçava em seus próprios passos.

Finalizando, é como escreve Chuster (2018): “então, juntamente com a capacidade negativa, penso que é preciso acrescentar, no trabalho analítico, a disposição

de acatar informações enganosas, falsas ideias e problemas interpessoais, até que algo possa ser criado e que ilumine o caminho a ser seguido” (p. 47).

Un poco sobre la mentira en la clínica

Resumen: Este artículo aborda el fenómeno de la mentira en la práctica psicoanalítica, basándose en las teorías de Bion y centrándose en tres aspectos: como resultado de la ignorancia o una necesidad momentánea de protección, como resultado de la acción de engañar a otro, y como resultado de la rivalidad con la realidad. Señala que la verdad es el alimento fundamental para el crecimiento mental, y para comprenderla, es necesaria una función alfa en funcionamiento. Ante el fallo de la función alfa y el predominio de la parte psicótica de la personalidad, se requiere otra mente que preste su función alfa para que el movimiento mental se dirija hacia la verdad. Presenta una viñeta clínica como ejemplo.

Palabras clave: verdad, mentira, función alfa, clínica psicoanalítica, continente-contenido

A few thoughts on lying in the clinic

Abstract: This article addresses the phenomenon of lying in the psychoanalytic clinic, drawing on Bion's ideas and focusing on three perspectives: either as a result of ignorance or of a temporary need for protection; as a result of an act aimed at deceiving the other; and as a result of rivalry with reality. The paper asserts that truth is essential nourishment for mental growth and that the capacity to grasp it depends on the presence of an operative alpha function. In the absence of this function, and under the dominance of the psychotic part of the personality, another mind must step in—one capable of lending its alpha function to orient the mental movement toward truth. A clinical vignette is presented as an illustration.

Keywords: truth, lying, alpha function, psychoanalytic clinic, container-contained

Referências

- Abbagnano, N. (1998). *Dicionário de filosofia* (A. Bosi, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1971)
- Bion, W. R. (2000). *Cogitações* (E. H. Sandler e P. C. Sandler, Trans.). Imago. (Trabalho original publicado em 1992)
- Bion, W. R. (2004). *Elementos de psicanálise* (J. Salomão, Trad.; E. H. Sandler e P. C. Sandler, Revs. Trad.; 2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (2004). *Transformações: do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, Trad.; 2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)

- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação* (P. C. Sandler, Trad.; 2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (2017). *Seminários italianos* (A. G. Growald, Trad.). Blucher; Karnac. (Trabalho original publicado em 1985)
- Chuster, A. (2018). Sortilégio, a experiência entre o ser e o nada. *Berggasse* 19, 9(1), 36-51.
- Ferreira, A. B. H. (2010). *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (M. B. Ferreira e M. Anjos, Coords.; 5a ed.). Positivo.
- Zimerman, D. E. (2008). *Vivências de um psicanalista*. Artmed.

Sandra Nunes Caseiro

Endereço: Av. Coronel Fernando Ferreira Leite, 1520, sala 1015. Ribeirão Preto/SP.

CEP: 14026-020

Tel.: (16) 98185-4745

E-mail: sancaseiro@gmail.com

Editora responsável pelo artigo: Renata Sarti